

Texto para catálogo Elida Tessler Pinacoteca

Tempo de viver, tempo de lembrar

Angélica de Moraes

O núcleo em torno do qual gravita a obra de Elida Tessler é ocupado por um corpo imponderável e seu duplo fantasmático: o tempo e a memória. Em movimento pendular, próprio dos relógios, a artista ora usa a corrosão e o desgaste para catalizar e celebrar o instante que se escoia, ora articula o potencial metafórico de objetos do cotidiano para acariciar a cicatriz de uma perda. Sístole e diástole. Músculo que vibra ou dói. Vasos comunicantes.

Em apenas uma década, este nome jovem no circuito nacional realizou densa trajetória. O perfil artístico ganhou nitidez à partir do momento em que Elida depositou atenção nas delicadas tramas de significados e anotações de abismos que jazem sob o banal. Foi quando começou a criar imantações para objetos comuns que costumamos olhar sem ver. Aquelas coisas que são, ao mesmo tempo, inércia prenha e motor da memória. Rastro do que se foi. Presença apalpada na fresta do imaterial.

O início do percurso da exposição é assinalado pela obra *Inda*, que anuncia e resume boa parte das questões que identificam a obra de Elida Tessler. À distância, esta coleção de meias de náilon, dispostas lado a lado segundo uma sensível composição cromática, parece pintura.

Quando chegamos perto, vemos que *Inda* realmente é pintura, embora não tenha sido feita com materiais tradicionais dessa técnica. É pintura reencarnada, porque pousa sobre outras naturezas e espessuras um vocabulário pictórico que a tradição diz estar aderida à tinta e à superfície plana da tela. *Inda* usa veladuras, suaves gradações de cor articuladas à partir do simulacro industrial de tons de pele dessa peça do vestuário feminino. Estabelece um cromatismo tonal “pintado” com náilon.

A análise formal de uma obra quase sempre é insuficiente para atingir seus conteúdos mais importantes. Isso é especialmente verdadeiro no trabalho de Elida. Ao apropriar-se dessas meias e reconfigurar seus significados simbólicos, a artista realizou delicada operação poética que tem a palavra como elemento catalizador. *Inda* é advérbio de uma ação que persiste no tempo, que ainda é. A obra remete a uma ausência quase tátil. As meias pendem, vazias e inertes, mas estranhamente alegres e belas. As meias pertenceram à mãe, já falecida, da artista. Ela chamava-se *Ida*. Ou *Inda*, em hebraico.

A cultura do “povo do livro”, a cultura judaica, impregna de modo muito especial o processo criativo de Elida Tessler. A palavra aparece como elemento catalizador da memória. Ou como pedra de toque para compartilharmos a poderosa simbologia que impregna o cotidiano mais imediato e ilumina nosso entendimento do estar no mundo e tentar transcendê-lo.

Eco do movimento cordial de sístole e diástole que preside a concepção desta mostra, o percurso expositivo foi estabelecido entre dois pólos opostos. Um deles, situado à esquerda da entrada, é ancorado pela obra *Falas Inacabadas*, banquete celebratório

do prazer de compartilhar. Prazeres sensoriais que deixam rastros de líquidos derramados. Alquimias coloridas extraídas de naturezas opostas: ácidos e metais.

A fala, absorvida na espessura do feltro, não deixa escapar as palavras. A fala é aí tomada como veículo e expressão do corpo e suas sensações. Há a lenta deposição de resíduos ferruginosos no interior de frascos, camada sobre camada, como se o tempo revelasse ali seu caráter de livro, de páginas sobrepostas e guardadas. Mas não há palavras. Há o escoar do tempo e o escorrer da existência.

Em Destinos, o coador estabelece a metáfora de quem recolhe e guarda lembranças. Chá de Banco fixa o lento verter de um diálogo, que tinge e transforma os interlocutores. “Os coadores são evocativos de memória: guardam o registro de uma transformação recente (do pó ao líquido, através de uma filtragem), uma experiência transformadora. O momento de mergulhar o saquinho na água traduz a modificação rápida dos dois elementos” (1)

O pólo oposto do percurso expositivo, à direita da entrada, foi reservado para os primeiros trabalhos em que a artista utiliza a palavra como integrante da obra. Em Coisas de Café Pequeno, (2) os vocábulos, embora essenciais à construção da poética visual pretendida, surgem discretos, quase detalhes. Em Temporal, essa presença é mais afirmativa. Finalmente, na sala do meio, a literatura e seus fragmentos adquirem primeiríssimo plano na série Palavras-Chaves. “Cada vez mais a palavra é intrínseca, indissociável e responsável por toda a cadeia associativa e constitutiva de meus trabalhos”, esclarece a artista. (3)

A literatura, matéria-prima do processo criativo da artista, é corporificado por ela em objetos e instalações que, assim, ocupam com propriedade a categoria de poesias visuais. Para estruturar delicadas metáforas ainda e sempre sobre o tempo, a artista usa toalhas e varais. Nas palavras de Elida: “Colocamos as roupas no varal para que sequem, como que renovadas. Elas passam de um estado a outro. É preciso esperar, ter paciência. Estender para entender. Há um tempo entre o pendurar e o recolher as roupas no varal. As toalhas ali estão em suspensão, como páginas em branco”(4) .

As palavras, retiradas dos livros, brotam para se enredar no cotidiano e impregnar de nexos o banal. Coisas de Café Pequeno foi feito para homenagear a escritora paulistana Zulmira Ribeiro Tavares. Extrai do romance Café Pequeno um conjunto de palavras que nomeia coisas comuns. São seis capítulos e seis varais. Gravadas a ouro sobre prendedores de roupa, os vocábulos ganham nova permanência, impressão indelével feita na intimidade da leitura. Palavras que se sabe de cor. Palavras que se sabe desde o coração.

Cada um desses poemas visuais, pousado em objeto ou instalação, carrega escolhas de um único livro, que tanto podem ser feitas pela própria artista quanto confiadas às filhas (Sofia e Alice) amigos ou conhecidos. Em Temporal, Elida elegeu palavras que definem passagem de tempo (por exemplo: adiamento, interrupção, momento), presentes no livro A Dialética da Duração, de Gaston Bachelard. Essas palavras foram bordadas em pequenas toalhas e dispostas em um varal na mesma ordem em que foram lidas. Conforme a artista (5), “no cotidiano, temos muitas coisas penduradas,

coisas por fazer: afazeres domésticos, reformas na casa, projetos de trabalho(...) que muitas vezes ficam adiados indefinidamente”.

Aqui vale lembrar que Temporal foi feito para ser visto inicialmente no pátio interno do Hospital Psiquiátrico São Pedro (Porto Alegre). Conforme observa Vera Chaves Barcellos (6), “o pátio (...) não é utilizado pelos internos, que o podem ver através de algumas janelas. Por essas mesmas janelas nos chegam às vezes ruídos de vozes ou de gritos, uma espécie de caixa acústica da desrazão. (...) Descontextualizadas, as palavras, desgarradas do livro que as faziam relacionarem-se com outras para significar, (...) essas palavras soltas buscam relações de significado da mesma forma que as manifestações dos internos – indivíduos descontextualizados da sociedade -- que nos chegam pelas janelas procuram alguma forma de comunicação”.

Em Palavras-Chaves, há fragmentos de obras de James Joyce, Lewis Carroll, Adélia Prado, T.S. Eliot, Darcy Ribeiro, Guimarães Rosa e André Breton, entre outros. Desta vez, porém, o registro poético é outro. As incertezas e a incomunicabilidade ficam de fora. Essas palavras, que abrem significados, são guardadas em sólidos claviculários (armários de chaves) de metal. Cada vocábulo ocupa lugar preciso, em uma linha/fileira. Cada conjunto é identificado com precisão e cada chave abre apenas uma única fechadura.

As chaves anônimas de Segredo, por sua vez, só entregam seu conteúdo quando reunidas, interagindo em uníssono na mesma sombra/serrilha/segredo que projetam. Este é um dos trabalhos em que Elida melhor aborda o valor do convívio, tomando-o como metáfora da concórdia e da ação coletiva. A mesma imantação certa de um objeto está em Passa-Passará, calendário de páginas marcadas a ferro no tecido guardado desde a infância (lençol de berço). Lembrança de uma ausência que volta sempre, dia após dia, gravada a fogo. Memória de um luto que nunca passará.

Alguns desses objetos são estruturados, como já assinalamos anteriormente, por um raciocínio pictórico que os situa no que denomino de pintura reencarnada. Antes de “pintar” Inda com meias, Elida “pintou” Avessos coando líquidos enferrujados em filtros de papel. O resultado são manchas de bordas nítidas, cartografias imaginárias de cinco continentes. Trabalho que alude, ao mesmo tempo, a conteúdo e continente, sujeito modificador e em modificação. Impregnação cultural vivenciada pelos que migram (e tingem) outras geografias. (7)

No limite entre pintura tradicional e hibridização (reencarnação), Elida realizou diversos trabalhos em que a cor surge da reação química entre líquidos ácidos e metais (ferro e cobre). São verdes-esmeralda belíssimos, marrons em infinitas gradações e transparências coloridas que surgem nas áreas de contato entre materiais reagentes. É dessa família tanto trabalhos ainda ligados à bidimensionalidade (Outubro) quanto objetos (Certas Coisas Certas Outras).

Sístole e diástole. No lado esquerdo, os líquidos que escorrem, mancham e impregnam. O processo de trabalho incorpora o acaso, é derramado. No lado direito, os lençóis lavados, postos a secar. O processo de trabalho é enxuto, expõe ao sol coisas substantivas, objetos diretos, advérbios de tempo. No meio, os fluxos de memória vivida e memória lida, fluxos que se misturam, um no avesso do outro.

O nome da exposição vem desse trânsito vital e também de um trabalho, Vasos Comunicantes, que transpõe territórios e cria traços de união entre esses dois momentos. Obra que faz eco em um dos claviculários de Palavras-Chaves, com vocábulos da obra Les Vases Communicants, de André Breton. Um livro, aliás, longamente procurado por Elida e encontrado para ela por Evgen Bavcar, o fotógrafo e filósofo esloveno cego. Em homenagem a ele, a artista decidiu que as palavras de Breton deveria ser achadas às cegas.

O conjunto de obras desta mostra individual de Elida Tessler não pretende ser o resumo de uma década de produção contínua mas apenas uma das portas para o entendimento de algumas características da rica e sensível criação visual da artista. Como toda operação de entendimento, é apenas um ponto de vista, um ângulo entre diversos outros que uma obra de grande espessura de significados pode propor a quem se debruça sobre ela. De qualquer modo, por abranger tanto o período de descoberta quanto o de sedimentação de uma linguagem autoral, traz à fruição do público exemplos eloqüentes de um talento artístico que se afirma de modo crescente enquanto mergulha, cada vez mais fundo, na poesia da vida para fazer a poética da arte.

NOTAS DE PÉ DE PÁGINA:

1. Relatório da artista para bolsa-pesquisa Prêmio Brasília de Artes Visuais 1998
2. Obra realizada especialmente para exibição na coletiva Território Expandido, Sesc-Pompéia (São Paulo, SP) em 1999.
3. Entrevista à autora, em março de 2003.
4. Depoimento por e-mail, à autora, em março de 2003.
5. Entrevista à autora, em março de 2003
6. Em relatório à bolsa de pesquisa MinC Prêmio Brasília de Artes Visuais 1998. A artista multimeios Vera Chaves Barcellos foi tutora de Elida Tessler nessa bolsa-pesquisa
7. Este trabalho recebeu, em 1992, o prêmio SPADEM (Prix Aide à la Créatrion) do Espace Latino-Américain (Paris, França).